Mulheres & dinheiro

Elas têm mais poder que nunca sobre as finanças em suas vidas, nas famílias e nas organizações. E não vão usá-lo do mesmo jeito que os homens

Marcos Coronato e Daniella Cornachione

Elas chegaram lá com alguma violência, por um caminho nada cor-de-rosa. As mulheres começaram a escalar os degraus do poder no mundo ocidental ainda no século XIX, em campanhas pelo direito ao voto que chocavam seus contemporâneos. Precisaram de duas guerras mundiais para que o século XX reconhecesse o valor de sua força de trabalho. Continuaram a escalada com o feminismo estridente dos anos 60 e uma dedicação inabalável aos estudos. Havia homens barrando o caminho, mas elas começaram a atingir o topo das carreiras na política e nas empresas. Pelo caminho, deixaram um mundo transformado. Há mais educação. Mais produtividade. Menos filhos por casal, mais bem cuidados. Não houve mudança social maior nos últimos 100 anos - e ela mal começou. Agora, um número crescente de mulheres pode ou precisa decidir por si só o próprio futuro financeiro, e delas dependem mais e mais famílias e empresas. A mudança seria notável de qualquer forma, pelo rearranjo de poder, mas ela traz um componente mais instigante: e se as mulheres usarem o dinheiro de um jeito diferente do que se considerou "normal", enquanto os homens detiveram todo o poder econômico? Surpresa: é isso que elas fazem.

Economistas, sociólogos e psicólogos vêm tentando há anos entender melhor nossas decisões e escolhas a respeito de dinheiro. No processo, surge uma montanha de evidências de que emoções e impulsos primários desempenham um papel muito maior do que esperávamos em nossos atos relacionados a ganhar, gastar e investir. Isso revela que existem um modo mais masculino e um mais feminino de lidar com o tema. O jeito feminino traz benefícios para a sociedade, mas ele passará por dores do parto antes de se tornar dominante. "Além de as mulheres, neste momento, ainda terem menos educação financeira, elas mostram emoções mais facilmente - pode ser tanto o medo de fazer uma dívida quanto o encantamento por um objeto de consumo", afirma a economista Roberta Muramatsu, professora da Universidade Mackenzie e Ph.D. em finanças comportamentais.

AS diferenças ganharam também a atenção de Suze Orman, a mais famosa guru de finanças pessoais dos Estados Unidos. Seu livro As *mulheres e o dinheiro* foi lançado em dezembro no Brasil. Ela conta que sempre pensou em orientação financeira indistinta para homens e mulheres, até que não pôde mais ignorar as necessidades específicas que via em suas amigas e conhecidas. Sem precisar se preocupar com o rigor científico dos pesquisadores, Suze dispara: está cansada de ver mulheres "inteligentes, competentes e realizadas" convivendo com um permanente caos financeiro. "Seu instinto maternal reina absoluto; você faz tudo para todos antes de fazer para si mesma", afirma, num recado às leitoras do livro.

O espírito desse tempo, de escancarar as diferenças, encontra boas definições em dois trocadilhos em inglês. Um deles *é* "womenomics", ou economia das mulheres, termo criado pelas jornalistas americanas Katty Kay e Claire Shipman no livro de mesmo nome. Elas defendem uma nova investida feminina contra os abalados alicerces do mercado de trabalho, a fim de mudá-lo de vez. Conseguir jornadas mais flexíveis e incentivar o trabalho a distância estariam entre as prioridades. O outro termo que ganhou popularidade foi "mancession", a recessão do homem. A palavra lembra que a crise global teria sido provocada pelo excesso de agressividade, ousadia e testosterona nos grandes bancos. O resultado dessa crise provocada por homens foi especialmente devastador

Cabeça de mulher

A pesquisa Sophia Mind mostra como elas pensam em dinheiro

APOSENTADORIA

Como você se prepara para a velhice?

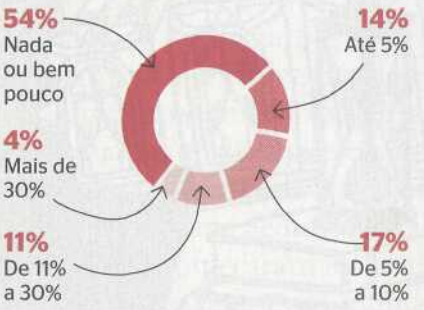
33% das mulheres entre 31 e 40 anos ainda não pensam na aposentadoria

7% daquelas entre 41 e 50 anos têm um plano para a aposentadoria e o seguem

43% daquelas entre 41 e 50 anos ainda estão avaliando como se preparar

POUPANÇA

Qual parcela de sua renda você poupa ou investe ao longo de um ano?



Parcela das mulheres que poupa mais de 10% da renda - por faixa salarial

43% das mulheres que ganham acima de R$ 5 mil poupam pouco ou nada

Pesquisa com 2.096 mulheres com acesso à internet em seis capitais brasileiras
Fonte: Sophia Mind

Foto

Aprendi a ser independente

A ilustradora mineira Fernanda Guedes *(seus desenhos ilustram a reportagem)* ficou órfã de pai quando tinha 18 anos. Sua mãe estava fora do mercado e teve de voltar a trabalhar rapidamente. O nível de vida da famíiia caiu bastante. "Naquela época, percebi como era importante planejar, guardar dinheiro e ser independente", diz. Se não tivesse aprendido a lição, em 2009 teria sido obrigada a assistir ao mesmo filme de novo. Separou-se de seu segundo marido, o que aumentou suas despesas. "Ainda bem que apliquei bastante nas fases em que ganhei bem", afirma ela, que é profissional autônoma e não tem fluxo de renda fixo. Ela se impressiona com o conservadorismo de amigas suas, que ainda veem imóveis como o melhor dos investimentos, e se orguiha da blindagem financeira que construiu: tem dois planos de previdência e um seguro de vida para mulheres.

Foto

para os homens. Nos Estados Unidos, a diferença no nível de desemprego entre os sexos, a favor delas, chegou ao maior nível em 60 anos. Embora o Brasil não tenha sofrido tanto com desemprego, tem sua versão da "mancession": a maior parte dos cortes de postos de trabalho por aqui ocorre entre homens, que são os trabalhadores com menor grau de instrução. A maior parte dos postos de trabalho criados vai para as mulheres, que são maioria entre os que têm nível superior.

A fim de entender melhor o suposto jeito das mulheres de lidar com dinheiro, ÉPOCA consultou os livros e as pesquisas mais recentes a respeito do tema e pediu um estudo à recém-criada Sophia Mind, empresa especializada em comportamento e tendências no universo feminino. A pesquisa foi feita no segundo semestre de 2009 com mais de 2 mil mulheres com acesso à internet banda larga nas seis maiores capitais brasileiras. Seu resultado está apresentado nestas páginas. Ele faz constatações importantes: a realização de investimentos por parte das mulheres cresce principalmente com o nível de educação, e não tanto com o nível de renda; elas dividem as responsabilidades financeiras domésticas de maneira bem igualitária com os companheiros (ou, pelo menos, afirmam dividir); aplicam dinheiro de maneira errática, sem rotina definida (corn as fluminenses mostrando mais disciplina que as paulistas); demoram demais para começar a pensar em aposentadoria e organizar um bom plano com esse objetivo; e gastam mais em moda do que com saídas.

A partir do estudo, Andiara Peterle, executiva-chefe da Sophia Mind, chama a atenção para o que considera comportamentos financeiros a corrigir. Em parte, essas atitudes ruins se parecem com as encontradas no universo masculino brasileiro. "Elas tendem a se preocupar mais que o necessário com possuir um imóvel e menos que o desejável com planejamento de aposentadoria", diz Andiara. Outras atitudes preocupantes parecem bem específicas das mulheres. "Elas investem pouco, e isso melhora menos do que esperávamos com o avanço da idade e da renda. Entre aquelas de 40 anos, muitas ainda contam muito com a presença e a ajuda futura de marido e filhos." Esse tipo de avaliação tem importância crescente devido à ascensão da importância econômica feminina, parte mais evidente dessa história.

Mulheres representam 41% da força de trabalho no Brasil. Nos Estados Unidos, acabam de se tornar mais da metade. Nos dois países, a participação delas cresce, e com velocidade ainda maior entre os postos de trabalho que exigem nível superior. Por aqui, elas chefiam 35% dos lares, respondem por 46% das transações com cartões de crédito e estão à frente de 52% das pequenas e microempresas, informa Sueli Daffre, sócia-diretora da empresa de pesquisa SD&W.

Todos esses indicadores continuam subindo, e a mudança poderá se acelerar no futuro, se depender do empenho delas em melhorar a própria formação. No Brasil, há muito mais mulheres que terminaram a universidade (3,6 milhões, em relação aos 2,5 milhões de homens). Na faixa dos adultos até 32 anos, elas já investem 50% a mais que os homens em educação, segundo a empresa de pesquisas Bridge. "E elas dizem que vão aumentar esse investimento, no futuro, em escala maior do que a planejada pelos homens da mesma idade", diz Renato Trindade, diretor da Bridge. O mercado financeiro apelidou o fenômeno global de "O poder da bolsa" (Power of the purse), por causa do título de um

DIFERENÇAS **Novas pesquisas estão desvendando o jeito feminino de lidar com dinheiro. Alguns pontos já estão claros**

	São mais avessas ao risco	*Contam com casamento duradouro*	*Dão prioridade à família*	*Não têm obsessão por carreira*	*Concentram-se em detalhes*	*Gostam de tomar decisões em grupo*
BENEFÍCIO	Elas arriscam menos, o que resguarda o patrimônio familiar para fins nobres como educação	Planos de longo prazo beneficiam a família. Pessoas casadas tendem a acumular mais riqueza que as solteiras	Uma mãe que acompanhe o crescimento e o desempenho escolar dos filhos vai prepará-los melhor	Mulheres perseguem interesses vários. A carreira é um. Trata-se de um equilíbrio mais saudável	Elas tendem a fazer gastos melhores para o bem-estar da família e conseguem equilibrar contas	Decisões compartilhadas podem ser mais inteligentes e éticas que as individuais em vários casos
RISCO	Arriscar pouco demais significa abrir mão de lucros possíveis no longo prazo em investimentos como ações	Cresce o número de divórcios e mulheres vivem mais que homens. Elas precisam saber cuidar do dinheiro sozinhas	Laços de dependência: mulheres tendem a se colocar em risco financeiro para ajudar filhos já adultos	Elas ainda têm salários menores. Suspeita-se que as empresas já "descontem" a dispersão de interesses	Exposição frequente ao consumo (mais risco) e incapacidade de valorizar seu papel familiar	Dificuldade de identificar suas necessidades pessoais e dar a elas prioridade; não ganhar reconhecimento
SOLUÇÃO	Aventurar-se, sem deixar de ser moderadas. Na Bolsa, mulheres costumam obter lucro médio maior que homens	O casal deve compartilhar decisões e conhecimento, além de manter metas financeiras individuais	Educação financeira desde cedo é um belo legado aos filhos. Estabeleça limites claros e prévios para a ajuda	Ajustar os interesses à necessidade de ganhar dinheiro - e cobrar relações de trabalho mais flexíveis	Deixar claro em casa o valor do controle de pequenos gastos e dividir tarefas com o companheiro	Avaliar se a situação requer mesmo uma decisão em grupo. Preservar as prioridades pessoais

relatório publicado em agosto de 2009 pelo banco americano Goldman Sachs. O estudo afirmava que o "poder da bolsa" seria especialmente sentido em China, Rússia, Vietnã, México, Coréia do Sul e Brasil, que combinam fortalecimento da mulher com crescimento da classe média.

A segunda parte da história é compreender as tais diferenças, que vão determinar como elas usarão esse poder recém-adquirido. Confira algumas delas • sempre lembrando que se tratam de generalizações, limitadas por natureza:

• **Conservadorismo:** as mulheres mostram maior aversão ao risco. Isso as torna menos inclinadas que os homens a confiar em suas habilidades e fazer grandes apostas;

• **Expectativa de relações duradouras:** elas tendem a organizar a vida financeira como se o parceiro fosse estar a seu lado para sempre;

• **Prioridades flexíveis:** mulheres empregam o melhor de seus esforços no bem-estar dos outros, incluindo filhos, companheiro, pais idosos e subordinados;

• **Equilíbrio:** elas mostram interesses mais diversificados, divididos entre carreira, família e projetos pessoais;

*** Apego aos detalhes:** as mulheres facilmente assumem as pequenas contas domésticas e se afastam das grandes decisões financeiras familiares;

a Tendência gregária: elas gostam mais que os homens de atuar e tomar decisões em grupo;

• **Consistência temporal:** mulheres tendem a se apegar mais a suas estratégias financeiras ao longo do tempo.

Como em outros aspectos da vida - relacionamentos amorosos, por exemplo -, o jeito feminino de fazer as coisas pode trazer vantagens e desvantagens para elas *(leia o quadro)*.

Para pesquisadores do desenvolvimento, as diferenças tornam a mulher a grande promotora das estratégias de combate à pobreza, à desnutrição e à falta de educação entre famílias carentes. Para os otimistas, a mulher beneficiará organizações e sociedades inteiras ao trazer novas características para a administração do dinheiro, o que culminaria num capitalismo menos destrutivo, ou mais "feminino". Para os pragmáticos, as mulheres deveriam tomar cuidado: elas recebem responsabilidade e autonomia muito mais rapidamente do que ganham dinheiro e poder - e isso pode colocar em risco o bem-estar e a segurança financeira de cada uma delas. Pesquisadores de ambos os sexos tratam o tema como se caminhassem por um campo minado: temem transmitir visões sexistas ou reduzir o debate ao campo biológico. Ninguém rejeita o fato de que seria possível fazer a mesma análise com outro tipo de recorte (por exemplo, comparando culturas diferentes ou gerações diferentes) e que se misturam, nessa discussão, biologia, cultura e especificidades familiares e individuais. "Há diferenças moldadas pela cultura, mas experimentos indicam a interferência de fatores biológicos", diz a economista Roberta Muramatsu.

Entre aqueles menos preocupados com rigor científico e mais atentos aos temas empolgantes do momento, o debate corre solto. Uma que se arriscou e recebeu críticas pela abordagem meio radical do tema foi a psicóloga canadense Susan Pinker,

em *The sexual paradox (O paradoxo sexual*, a ser lançado no Brasil em fevereiro). Susan lembra que, embora meninas tenham na escola melhor desempenho que meninos, não mantêm essa vantagem no mercado de trabalho. A autora destaca explicações biológicas, como a abundância de diferentes hormônios no organismo masculino (a testosterona, que impulsiona a agressividade) e no feminino (a oxitocina, que estimula sociabilidade, empatia e confiança).

Apesar de incomodar aqueles que preferem análises mais amplas, que incluam fatores culturais, o papel dos hormônios nas decisões relacionadas a dinheiro vem sendo estudado desde os anos 1990 e já foi devidamente comprovado. Um estudo publicado em 2007 pela respeitada Universidade de Cambridge, no Reino Unido, fez a relação entre o nível de testosterona e a atuação de corretores de ações. Quanto maior o nível do hormônio, mais eles tendiam a se arriscar (e, num mercado em alta, mais eles ganharam, na média). Um ano depois, a Universidade de Chicago, nos EUA, incluiu mulheres em pesquisa semelhante, com estudantes prestes a se formar. O trabalho encontrou novamente conexão entre os níveis hormonais e a escolha de carreiras mais ou menos arriscadas no mundo das finanças. De maneira geral, os rapazes tendiam a buscar as carreiras com maior risco e remuneração potencialmente mais alta. "Nas decisões financeiras, mulheres são, na média, mais avessas ao risco que os homens", afirma o texto. A conclusão não vale para todos os campos da vida nem para todas as culturas - um artigo publicado pelo Escritório Nacional de Pesquisa Econômica dos EUA (NBER, na sigla em inglês) em 2008 mostrou que mulheres de uma tribo matriarcal na Índia eram bem mais competitivas que os homens. Tratando-se de dinheiro e sociedades ocidentais, porém, as pesquisas convergem no sentido oposto: eles se arriscam mais que elas, colhendo lucros e prejuízos maiores.

A simples presença do sexo oposto parece ter importância nessas diferenças. Uma pesquisa publicada em 2009 pela Universidade Nacional da Austrália mostrou que meninas entre 10 e 11 anos tendem a se arriscar mais quando em grupos exclusivamente femininos e a se tornar" mais cautelosas na presença de meninos. O experimento usou apostas com dinheiro de verdade e questionários nos quais

Modelo paterno em crise

Joyce Rodrigues teve o que se pode chamar de educação tradicionalíssima: seu pai, ex-militar, quis que sua mãe parasse de trabalhar, para que ela e os irmãos tivessem o máximo de atenção em casa. O pai de Joyce também considera imóveis o melhor investimento possível e acredita que abrir um negócio próprio é o único caminho possível para o enriquecimento. Aos 25 anos, *a* microempresária já percebeu que os bem-intencionados conselhos financeiros paternos precisam ser questionados. "Ainda concordo com ele que *é* bom aplicar em imóveis, mas sei que seria bom investir também em ações", afirma. "Preciso estudar mais antes, ou ter orientação de alguém para fazer isso direito." Enquanto pilota o crescimento de sua empresa de cosméticos, Joyce observa as diferenças entre seus funcionários. "Os homens avaliam tudo mais objetivamente. As mulheres trazem várias soluções possíveis", diz.

Foto

Foto

Este artigo é exclusivo para fins educacionais

as crianças se autoclassificavam numa escala de propensão a assumir ou evitar riscos. Por que isso acontece? Parte da explicação é que, nos ambientes mistos em que passamos a maior parte de nossa vida, homens têm um incentivo para competir e tentar parecer mais capazes aos olhos das mulheres. *Já* as mulheres tenderiam a se adequar à figura mais frágil e prudente que os homens esperam encontrar. Márcia Tolotti, psicóloga e estudiosa de decisões financeiras, acredita que os homens se sintam livres para apostar alto, ganhar muito ou perder tudo. *Já* as mulheres carregariam uma bagagem cultural e biológica. "Elas evitam a possibilidade de grandes perdas, porque administram dinheiro pensando em família", afirma.

Se elas agem com mais cautela e pensam mais no grupo (a família), têm maior chance de se sentir prejudicadas pelos hábitos financeiros dos companheiros, comparativamente mais ousados e individualistas. No mundo da autoajuda financeira, as estrelas não têm mais nenhum pudor em bater duramente nos homens que insistem em mandar no dinheiro da casa, à moda antiga. A americana Kim Kiyosaki, autora de *Mulher rica - O livro de investimento para mulheres* (e mulher de Robert Kiyosaki, autor de *Pai rico, pai pobre),* afirma que elas são agressivas ao defender seus interesses: se o marido não coopera com a independência e saúde financeira da mulher, talvez seja a hora de encerrar o casamento. Um libelo mais recente contra a administração masculina das contas da casa está no livro *The feminine mistake (O erro feminino,* ainda não publicado no Brasil), da jornalista americana Leslie Bennetts. Ela cita pesquisadoras e executivas que alertam mulheres para o perigo de ter um homem tomando decisões financeiras pelo casal.

É fácil compreender esse temor. Primeiro, porque as mulheres vivem mais que os homens - sete anos, em média, no Brasil, e oito anos na Região Sudeste. Depois, porque o número anual de divórcios vem crescendo - ele se multiplicou por cinco desde 1984. Nos Estados Unidos, um relatório governamental chamado *Saúde e aposentadoria,* do ano passado, mostrou que, quando um casal se separa, todos perdem riqueza (em comparação com os casais que permanecem casados). Mas as mulheres perdem mais que os homens. Ao contrário do que diz o senso comum, elas seriam as mais afetadas pelo divórcio, por dois motivos principais: não têm o necessário conhecimento e controle financeiro de sua vida (delegado ao companheiro durante a união) e, na separação, concentram totalmente as forças em manter a casa e os filhos, duas fontes de despesas.

Nesse quesito, as brasileiras mostraram um perfil de extremo bom-senso, pelo menos ao responder à pesquisa da Sophia Mind: 37% das que não estão em relacionamento estável acreditam que um futuro parceiro teria pouca ou nenhuma influência em suas decisões de investimento. Enfie as casadas, isso parece se cumprir: 63% dizem tomar decisões de investimento em conjunto com o mari-

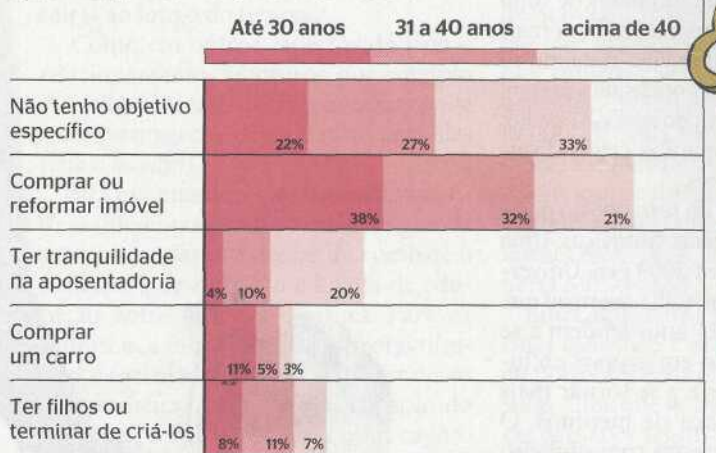
Negociei com meu marido

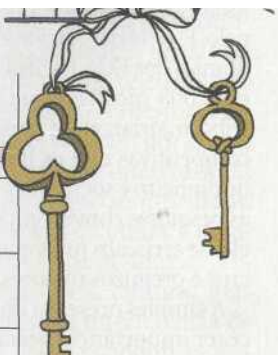
A pauiistana Camila Pulignaní, de 32 anos, começou a trabalhar aos 16, como organizadora de festas. Bem cedo pegou gosto peto ofício: hoje, é diretora comercial de uma agência de eventos. Camila acredita que agora seja sua hora de "ganhar dinheiro de verdade", após uma temporada morando no exterior e outra de dedicação mais intensiva à filha de 4 anos. A escalada profissional, porém, exigiu uma boa dose de negociação com o marido. "Quando eu passei *a* ganhar mais que ele, precisamos nos reorganizar", diz. "Sempre faço questão de mostrar que o patrimônio é da família." Ela reclama que a sociedade ainda vê de forma machista um casal assim. E acredita ter detectado a maior diferença entre homens e mulheres no trato com dinheiro: "E!es gostam mais de acumular patrimônio. Elas precisam se sentir desafiadas e correr atrás de alguma coisa diferente".

INVESTIMENTO Cuidado: elas demoram a decidir e têm pouco método

Como você decide quando aplicar?

Qual é seu principal objetivo ao investir?





37% das fluminenses afirmam aplicar regularmente, ante apenas 27% das paulistas

Pesquisa com 2.096 mulheres com acesso à internet em seis capitais brasileiras Fonte: Sophia Mind

Foto

do, 44% consideram as decisões de gastos bem divididas com o parceiro e apenas 3% deixam que ele decida sozinho os investimentos do casal. Eles não devem ter do que reclamar, se a situação for parecida com a registrada nos Estados Unidos: lá, em cerca de metade dos casais o nível de educação dos cônjuges é o mesmo, e em 28% a mulher estudou mais.

Apesar disso, o consultor financeiro Gustavo Cerbasi, um cético a respeito do fator biológico nas finanças, diz ter ouvido muitos homens casados reclamando da companheira como fonte dos problemas com dinheiro. Hoje, ao prestar consultoria, Cerbasi insiste em que pelo menos a primeira conversa seja com o casal. Ele acha que as mulheres provavelmente errem mais que os companheiros simplesmente porque se expõem mais ao consumo. "Elas assumem a responsabilidade pelas compras pequenas e freqüentes da família", afirma. Apesar disso, a experiência do consultor revela que famílias costumam colher bons resultados quando a mulher assume o papel de gerente financeiro da casa. Esse seria um bom resultado da tal aversão feminina ao risco. Nenhuma diferença, porém, significa isoladamente problema ou benefício para as mulheres.

No caso da aversão ao risco ou conservadorismo (outros preferirão chamar de prudência), isso significa que elas têm menos chances de sofrer grandes perdas. Isso é percebido por Cerbasi e outros consultores que acompanham mulheres investidoras. Homens se mostram mais propensos a buscar grandes jogadas, que podem dar muito certo ou muito errado. O lado ruim, para as mulheres, é que elas investem em renda variável menos ou mais tarde do que deveriam, e esse é um tipo de aplicação fortemente recomendado pelos especialistas, ao menos para quem tem muitos anos pela frente até a aposentadoria.

Já a tendência feminina de dividir esforços entre sucesso pessoal e bem-estar da família, atualmente, é a principal suspeita pela diferença ainda existente entre salários de homens e mulheres com a mesma capacitação e os mesmos cargos. Empresas tenderiam a dar a elas cargos menos estratégicos e desafiadores, já prevendo seu eventual afastamento para cuidar de filhos. A reação vem com o rótulo da womenomics: em vez de tentar fazer com que mulheres se comportem como homens, suas defensoras lembram que o modo de agir feminino pode trazer bons resultados para toda a sociedade.

Fonte: Época, São Paulo, n. 611, p. 46-53, 1 fev. 2010.